Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

PENSAR AS ARTES DESDE UM CORPO: COGNIÇÃO, MEMÓRIA E MATERIALIDADE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

THINKING ART FROM A BODY: COGNITION, MEMORY, AND MATERIALITY IN UNIVERSITY TEACHING

PENSAR LAS ARTES DESDE UN CUERPO: COGNICIÓN, MEMORIA Y MATERIALIDAD EN LA DOCENCIA UNIVERSITARIA

Orlane Pereira Freires
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

Resumo

Este artigo analisa a produção acadêmica em Artes a partir da materialidade do corpo, problematizando o pressuposto institucional de estabilidade cognitiva contínua no exercício da docência universitária. Partindo de uma abordagem microssituada, que assume a experiência como dado analítico e não como relato autobiográfico, discute-se a cognição como ferramenta estruturante do trabalho historiográfico e artístico. A reflexão articula três eixos: (1) as exigências institucionais de produtividade e constância, (2) a memória incorporada no fazer cerâmico como modalidade de ativação cognitiva não exclusivamente verbal e (3) evidências científicas recentes sobre alterações cognitivas associadas à fibromialgia, frequentemente descritas como “névoa cognitiva”. O diálogo interdisciplinar com estudos médicos e psicológicos não pretende deslocar o debate para o campo clínico, mas ampliar a compreensão das condições corporais que atravessam a prática intelectual. Conclui-se que a produção em Artes é inseparável das condições materiais que sustentam o pensamento, sendo necessário reconhecer a diversidade corporal como elemento estruturante da vida acadêmica.

Palavras-chave: Corpo; Cognição; Docência em Artes; Memória incorporada; Fibromialgia.

Abstract

This article analyzes academic production in the Arts from the materiality of the body, questioning the institutional assumption of continuous cognitive stability in university teaching. Based on a microsituated approach that treats lived experience as analytical data rather than autobiographical narrative, the study discusses cognition as a structuring tool of historiographical and artistic work. The reflection articulates three axes: (1) institutional demands for productivity and constancy, (2) embodied memory in ceramic practice as a non-exclusively verbal mode of cognitive activation, and (3) recent scientific evidence on cognitive alterations associated with fibromyalgia, often described as “brain fog.” The interdisciplinary dialogue with

FREIRES, Orlane Pereira. PENSAR AS ARTES DESDE UM CORPO: COGNIÇÃO, MEMÓRIA E MATERIALIDADE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, e1871, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

medical and psychological studies does not aim to claim clinical authority but to broaden the understanding of the bodily conditions that affect intellectual practice. The article concludes that artistic production is inseparable from the material conditions that sustain thought, and that bodily diversity must be recognized as a structural dimension of academic life.

Keywords: Body; Cognition; Art Education; Embodied Memory; Fibromyalgia.

Resumen

Este artículo analiza la producción académica en Artes desde la materialidad del cuerpo, problematizando el supuesto institucional de una estabilidad cognitiva continua en el ejercicio de la docencia universitaria. A partir de un enfoque microsituado, que asume la experiencia como dato analítico y no como relato autobiográfico, se examina la cognición como herramienta estructurante del trabajo historiográfico y artístico. La reflexión se articula en torno a tres ejes: (1) las exigencias institucionales de productividad y constancia; (2) la memoria incorporada en la práctica cerámica como modalidad de activación cognitiva no exclusivamente verbal; y (3) las evidencias científicas recientes sobre alteraciones cognitivas asociadas a la fibromialgia, frecuentemente descritas como niebla cognitiva. El diálogo interdisciplinario con estudios médicos y psicológicos no pretende trasladar el debate al ámbito clínico, sino ampliar la comprensión de las condiciones corporales que atraviesan la práctica intelectual. Se concluye que la producción en Artes es inseparable de las condiciones materiales que sustentan el pensamiento, por lo que resulta necesario reconocer la diversidad corporal como un elemento estructurante de la vida académica.

Palabras clave: Cuerpo; Cognición; Docencia en Artes; Memoria incorporada; Fibromialgia.

Introdução – A materialidade do pensamento

A História, a Teoria e a Crítica da Arte dedicam-se a examinar as condições materiais e simbólicas da produção artística. Contudo, raramente interrogam a materialidade do corpo que interpreta, analisa e escreve. A prática crítica frequentemente opera sob o pressuposto de neutralidade cognitiva, como se o pensamento pudesse produzir-se dissociado das condições corporais que o sustentam.

Escrevo como historiadora da arte, docente universitária e artista visual cuja linguagem plástica é a cerâmica, compreendida no âmbito da cultura material e imaterial. Escrevo também como mulher acometida por fibromialgia[1]. Meu

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

conhecimento sobre a doença não se funda em autoridade biomédica, mas na experiência de quem é por ela atravessada. Não reivindico autoridade clínica; situo meu posicionamento epistemológico.

Este texto adota abordagem autoetnobiográfica para refletir sobre a produção de conhecimento em Artes desde um corpo atravessado pela maternidade, pelo adoecimento crônico e pelas exigências institucionais de produtividade. Em diálogo com evidências científicas sobre alterações cognitivas associadas à fibromialgia, proponho pensar a cognição como condição material da prática historiográfica e artística, deslocando a discussão do campo moral para o estrutural.

Maternidade, adoecimento e disciplina institucional

No âmbito da Universidade Federal do Amazonas, a progressão funcional docente é regulamentada por resoluções específicas[1], sendo a primeira progressão vinculada à conclusão do estágio probatório, mediante apresentação de Relatório de Estágio Probatório e comprovação de pontuação nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e atividades administrativas. No regime de Dedicação Exclusiva (DE), equivalente a quarenta horas semanais, exige-se distribuição formal de atividades entre essas dimensões, com controle por meio de Planos de Ensino e Relatórios Individuais de Trabalho (RIT), passíveis de reprovação caso não cumpram os critérios estabelecidos.

A normatividade apresenta-se como formalmente neutra. Nem o Plano de Desenvolvimento da Unidade, nem as normas gerais da instituição distinguem a condição da mulher ou consideram explicitamente fatores inerentes à maternidade, ao puerpério ou à condição de cuidadora. O curso de formação oferecido aos ingressantes no serviço público tampouco aborda essas dimensões. A igualdade formal é pressuposta como suficiente.

No plano jurídico, a servidora pública federal submetida ao Regime Jurídico Único (Lei nº 8.112/1990) tem direito à licença-maternidade de 180 dias, período superior aos 120 dias previstos na iniciativa privada. Trata-se de conquista

[1] Resolução nº 029/2019 - CONSUNI, que aprovou as normas atuais da instituição em adequação às diretrizes federais. Ela substituiu a anterior Resolução nº 013/2017 - CONSUNI, que por sua vez já havia revogado a norma de 2015.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

relevante. Contudo, a existência do direito não implica sua fruição automática. Não fui informada, no início do afastamento, sobre procedimentos formais necessários à extensão da licença. Tampouco sabia que o estágio probatório tem sua contagem suspensa durante o período de licença-maternidade.

Assim, quando cobranças administrativas relativas a relatórios e progressão chegaram durante meu afastamento, foram recebidas sob impacto de desconhecimento normativo e de um estado psíquico fragilizado. À época, eu não reconhecia estar em depressão materna. Associava depressão pós-parto apenas às manifestações extremas amplamente divulgadas. Como não correspondia a esse estereótipo, interpretei minha letargia, dificuldade de concentração e desorganização como fraqueza e incompetência profissional.

Externamente, mantinha desempenho funcional. O afeto por minha filha e por meus alunos sustentava presença pública estável. A docência tornava-se espaço de atuação em que o sofrimento permanecia invisível. Apenas ausências pontuais, esquecimentos, retraimento social, ganho de peso e interrupção do avanço nos estudos *stricto sensu* poderiam sugerir que algo não estava bem.

Posteriormente, ao buscar acompanhamento médico, ouvi de diferentes profissionais a hipótese de que a fibromialgia pode estar associada a traumas físicos e/ou psicológicos, incluindo internação hospitalar e cirurgia cesariana, ainda que não haja comprovação causal direta. Antes da gestação, encontrava-me em trajetória profissional ascendente, recém-formada e já aprovada em concurso público aos trinta anos. Após a sequência de eventos — gestação, cirurgia, depressão materna e pressões institucionais — iniciou-se um processo progressivo de adoecimento crônico.

O medo de decepcionar estudantes, de falhar como mãe e de não deixar contribuição consistente na educação em Artes produziu ciclo recursivo entre doença e acúmulo de trabalho. A noção de “atraso” passou a estruturar minha autoavaliação. Contudo, atraso em relação a que parâmetro? À produtividade linear e acumulativa exigida pelo regime institucional ou à impossibilidade de expandir quantitativamente aquilo que qualitativamente continuava a ser construído?

A doença aprofundou minha sensibilidade pedagógica e estreitou vínculos com estudantes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ou neurodivergência. Entretanto, a ampliação qualitativa da prática docente não neutraliza efeitos administrativos. RITs não aprovados ou entregues fora do prazo inviabilizam progressões funcionais, repercutindo financeiramente e impedindo inclusive a solicitação de adicionais necessários ao trabalho com materiais cerâmicos potencialmente insalubres.

A experiência tornou visível que a organização institucional do trabalho acadêmico pressupõe estabilidade cognitiva, disponibilidade contínua e trajetória linear. Quando o corpo não corresponde a esses pressupostos, a fricção não aparece como exceção prevista na norma, mas como inadequação individual. O que se revela, então, não é apenas um caso pessoal de adoecimento, mas a materialidade silenciosa que sustenta a disciplina produtiva universitária.

Notas metodológicas – Autoetnobiografia e saber situado

A abordagem adotada neste texto pode ser caracterizada como autoetnobiográfica de orientação microssituada e crítica. Parte-se de uma experiência singular — maternidade associada a adoecimento crônico no interior de uma instituição federal de ensino — não para universalizá-la, mas para examiná-la como recorte analítico capaz de iluminar estruturas normativas mais amplas.

O caráter microsituado refere-se à escolha deliberada de observar a aplicação concreta de normas e regimes institucionais em um caso específico. Em vez de discutir abstratamente a legislação ou os regulamentos universitários, a análise concentra-se em como esses dispositivos operam quando atravessam um corpo situado — mulher, docente, mãe e artista.

A dimensão crítica consiste em interrogar a neutralidade formal das normas e da própria produção de conhecimento. Dialoga-se aqui com perspectivas que questionam a ideia de olhar desincorporado e objetividade neutra, reconhecendo que toda análise é produzida desde um lugar específico (ROSE, 2016). Explicitar esse lugar não fragiliza o argumento; ao contrário, torna visíveis seus pressupostos.

A autoetnobiografia, nesse contexto, não se reduz a relato confessional. Caracteriza-se pelo foco em momentos de ruptura — epifanias — que tornam perceptíveis estruturas antes naturalizadas. A visibilidade do autor é assumida como

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

procedimento epistemológico: a pesquisadora não ocupa posição externa ao campo, mas escreve desde dentro dele.

A subjetividade mobilizada não se apresenta como opinião, mas como dado situado. Sou parte do fragmento social que examino. A identificação com outras professoras universitárias de Artes — mulheres, mães e cuidadoras — permite reconhecer padrões recorrentes de experiência que ultrapassam o caso individual, ainda que não sejam generalizados estatisticamente.

A formação artística e a prática docente em Artes acrescentam uma camada particular à análise. A sensibilidade estética, própria do campo, intensifica a atenção às relações entre corpo, gesto e produção de sentido. O contexto clínico, familiar e acadêmico é examinado sob a perspectiva da equidade — ou da ausência dela — na organização do trabalho docente. Assim, a metodologia articula experiência singular, leitura normativa e análise estrutural, sustentando-se na compreensão de que o conhecimento é sempre produzido desde posições situadas, e que reconhecer essa condição é parte do rigor analítico.

Cognição como ferramenta historiográfica

Ministrar aulas de História da Arte, conduzir seminários, orientar pesquisas científicas e integrar comitês acadêmicos no ensino superior exige exercício contínuo de leitura, escrita, análise e exposição oral. Não se trata apenas de transmitir conteúdos, mas de articular informações de modo crítico e coerente, de forma que os discentes possam construir fundamentos sólidos para sua futura atuação docente.

O trabalho intelectual do professor universitário em Artes pressupõe constância cognitiva. Manter foco, integrar referências teóricas, comparar produções artísticas, sustentar argumentação e avaliar pesquisas requer mobilização contínua de memória, atenção e capacidade de síntese. A credibilidade das escolhas teóricas e das estratégias pedagógicas influencia diretamente o desempenho estudantil — e, por consequência, os indicadores institucionais que avaliam cursos e unidades acadêmicas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Cada docente integra uma engrenagem coletiva. O funcionamento de uma unidade acadêmica depende da regularidade do trabalho de seus pares. A produção individual repercute institucionalmente. Como professora, artista e pesquisadora, espera-se que minhas contribuições sejam consistentes e que seus impactos ultrapassem o espaço imediato da sala de aula, alcançando comunidades mais amplas por meio da formação de professores da educação básica. No campo das Artes, essa responsabilidade assume dimensão específica: trata-se de atuar na formação estética, emocional e crítica de sujeitos que, por sua vez, atuarão na educação de crianças, jovens e adultos.

Essa consciência de impacto social intensifica a percepção de responsabilidade profissional. A performance docente, nesse contexto, não é apenas cumprimento burocrático de tarefas; é exercício que se imagina capaz de produzir transformações substantivas — ainda que tal transformação nem sempre seja visível em uma sociedade orientada por métricas econômicas.

A experiência do adoecimento deslocou minha compreensão de produtividade. Passei a considerá-la como variável circunstancial, e não como medida absoluta de valor. Mesmo com memória fragilizada e humor instável, o trabalho realizado mantinha qualidade relacional e densidade formativa. Contudo, a universidade opera sob regime de progressão contínua: exige-se titulação crescente (mestrado, doutorado, pós-doutorado), produção científica regular, orientação de pesquisas, participação em bancas, atividades de extensão e divulgação institucional.

O ingresso no doutorado reabriu portas simbólicas — reconhecimento, admiração e expectativas renovadas. Ao mesmo tempo, intensificou a exposição a situações em que falhas de memória e cansaço se tornam mais evidentes. A formação *stricto sensu* exige alto desempenho cognitivo: leitura volumosa, elaboração teórica sofisticada, escrita consistente e pensamento crítico sustentado ao longo de anos. Memória e concentração não são acessórios; são condições estruturais desse percurso.

Para lidar com grande volume de estudo, a constância tende a ser mais eficaz do que a intensidade esporádica. No entanto, a instabilidade cognitiva dificulta a

Volume 2026
ISSN 2319-0868

regularidade necessária. O esforço torna-se mais custoso, ainda que externamente o percurso possa parecer linear.

Os estudos em História, Teoria e Crítica da Arte pressupõem análise minuciosa, interpretação contextual e avaliação reflexiva de produções artísticas e de seus processos criativos. Essas áreas interdisciplinares demandam olhar atento não apenas à estética, mas às forças sociais, políticas e culturais que moldam a expressão humana. Tal olhar não é metafórico: depende de atenção sustentada, memória visual e capacidade de articulação complexa.

Assim, a cognição revela-se dimensão material da prática historiográfica e pedagógica. Quando se altera, não se trata apenas de "trabalhar mais devagar". Altera-se a própria forma de habitar o método. Se a historiografia da arte depende de funções cognitivas específicas, torna-se relevante examinar o que ocorre quando tais funções sofrem alterações reconhecidas clinicamente. A literatura científica recente tem investigado prejuízos cognitivos associados à fibromialgia, especialmente em mulheres, identificando impactos precisamente nas áreas de memória visual, atenção seletiva e velocidade de processamento. A análise desses dados permite deslocar a discussão do plano exclusivamente experiencial para o diálogo entre prática disciplinar e evidência empírica.

Corpo, gesto e cultura material na cerâmica

Se no exercício historiográfico a cognição opera como ferramenta estruturante do método, na prática cerâmica o corpo atua como espaço de inscrição e atualização de memória incorporada. Compreendo o corpo como portador de memória sedimentada por práticas culturais transmitidas socialmente ao longo do tempo. Ao modelar o barro, aciono repertórios técnicos que não se restringem à minha biografia individual, mas que se vinculam a aprendizados e repetições compartilhadas em contextos específicos. Trata-se de um saber que não depende exclusivamente da formulação verbal para existir.

Essa perspectiva dialoga com Silvia Rivera Cusicanqui (2015), para quem a cultura material não pode ser reduzida a conjunto de objetos inertes. Artefatos e práticas técnicas operam como suportes de memória coletiva, preservando

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

inscrições históricas que nem sempre encontram registro na historiografia escrita. A matéria, nesse sentido, conserva vestígios de processos sociais e culturais que se atualizam no uso e na repetição. Ao afirmar que o barro possui memória, refiro-me à sua capacidade material de registrar marcas do gesto e conservar traços do processo. Cada pressão ou incisão deixa inscrição concreta. A troca entre corpo e matéria é física e observável: o objeto final preserva evidências do contato.

Escrevo desde uma trajetória situada, cuja formação e atuação se deram integralmente em instituições públicas amazônicas. Essa localização não opera como argumento de autoridade, mas como explicitação das mediações que atravessam minha leitura e minha prática. Reconhecer tais mediações não fragiliza o discurso acadêmico; ao contrário, torna visíveis os filtros por meio dos quais o mundo é interpretado. Ao tratar do que denomino “memória do corpo”, não me refiro a uma inscrição biológica ou metafísica, mas à incorporação de práticas técnicas e repertórios culturais aprendidos e sedimentados no gesto. A repetição e a permanência diante da matéria organizam a atenção e produzem formas específicas de atualização do saber.

Em minha dissertação de mestrado (FREIRES, 2023), ao analisar a trajetória de Rauniery Pinheiro e refletir sobre Dona Heloísa, argumentei que o saber técnico pode permanecer inscrito no corpo mesmo quando a capacidade de articulá-lo verbalmente se encontra comprometida. O conhecimento não desaparece necessariamente com a alteração de determinadas funções cognitivas; pode modificar-se sua fluidez de acesso e organização. Retomo aqui esse argumento para ampliá-lo. Se o saber incorporado permanece como repertório técnico e cultural, sua mobilização depende de condições corporais e cognitivas específicas. A doença não anula automaticamente o conhecimento acumulado, mas pode interferir na forma como ele é atualizado.

No contexto do ateliê, especialmente em situações de trabalho compartilhado, o silêncio não corresponde à ausência de pensamento, mas à ativação de conexões não verbais. A apreciação conjunta de objetos e processos mobiliza memória tátil, percepção espacial e ritmo coletivo. Trata-se de modalidades de ativação cognitiva que não se medem pela velocidade da articulação verbal, mas pela qualidade da coordenação entre gesto e atenção. Essa distinção não estabelece hierarquia entre

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

conhecimento técnico e conhecimento teórico. Ambos dependem de condições corporais específicas e de regimes distintos de validação institucional. Ao privilegiar a produção textual e a linearidade do desempenho, a universidade tende a tornar menos visíveis outras formas de atualização do saber.

Se o conhecimento incorporado pode permanecer como inscrição corporal, sua mobilização depende de funções cognitivas específicas. Quando tais funções sofrem alterações reconhecidas clinicamente, torna-se necessário compreender de que modo essa modificação incide sobre a prática intelectual e artística.

Evidência científica e materialidade do pensamento

Se o exercício historiográfico depende de funções cognitivas específicas — como memória de trabalho, atenção sustentada e organização sequencial de informações — torna-se pertinente examinar o que ocorre quando tais funções sofrem alterações reconhecidas clinicamente. Estudos recentes em neuropsicologia indicam que pessoas com fibromialgia podem apresentar desempenho inferior em tarefas de memória de trabalho e atenção quando comparadas a controles saudáveis, mesmo na ausência de alterações estruturais significativas detectáveis por exames de neuroimagem (DEL PINO et al., 2025). Esses achados sugerem que a experiência descrita como “névoa cognitiva” (*fibrofog*) não corresponde à perda global de conhecimento, mas a dificuldades na manutenção temporária de informações, na articulação sequencial de ideias e na sustentação do foco.

Sob perspectiva psicológica, outras investigações apontam correlações entre dor crônica, estados afetivos e funcionamento cognitivo. Mulheres com fibromialgia apresentaram níveis mais elevados de ansiedade, depressão e catastrofização da dor, variáveis que se relacionam com a forma como a atenção e a organização cognitiva operam no cotidiano (RIQUELME-AGUADO et al., 2024). A “névoa”, nesse contexto, não pode ser compreendida apenas como déficit isolado, mas como resultado da interseção entre dor, emoção e regulação atencional. O recurso à literatura médica e psicológica neste capítulo não pretende deslocar o debate para o campo clínico, nem reivindicar autoridade técnica sobre ele. Reiterando meu posicionamento, parto de um conhecimento localizado, recorrendo a tais estudos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

como instrumentos de compreensão da materialidade de uma condição que atravessa minha prática profissional como historiadora da arte, ceramista e docente.

Essa materialidade torna-se particularmente relevante quando considerada à luz das exigências institucionais. A docência em Artes envolve leitura prolongada, organização de referências visuais, orientação de pesquisas, elaboração de pareceres e participação em instâncias administrativas. Tais atividades demandam precisamente as funções que a literatura identifica como suscetíveis a alterações em quadros de dor crônica. Quando a memória de trabalho se torna instável ou a atenção sustentada oscila, a dificuldade não reside na ausência de conhecimento acumulado, mas na gestão temporária de informações e na organização sequencial do pensamento. A diferença parece sutil, mas tem implicações concretas no cotidiano acadêmico: prazos tornam-se mais difíceis de administrar, tarefas simultâneas exigem esforço ampliado e a manutenção de foco prolongado passa a demandar maior dispêndio energético.

Nesse contexto, interpretar essas variações como falha individual obscurece sua dimensão material. A exigência institucional de constância produtiva opera como norma silenciosa, tomando o desempenho regular como parâmetro universal. Entretanto, a própria literatura científica indica que processos cognitivos respondem a estados corporais e emocionais, variando em intensidade e estabilidade. Reconhecer essa variabilidade não implica relativizar a responsabilidade profissional, mas compreender que a produção acadêmica não se sustenta em abstração. O pensamento é atividade corporalmente situada. Sua qualidade e sua fluidez dependem de condições que nem sempre são visíveis ou consideradas nos critérios formais de avaliação.

Ao aproximar prática artística, docência e evidência científica, este artigo propõe deslocar o foco da excepcionalidade individual para a materialidade do trabalho intelectual. A “névoa cognitiva”, nesse sentido, não é apenas expressão subjetiva, mas indicador de que a cognição é processo dinâmico, atravessado por dor, emoção e contexto institucional.

Considerações finais: síntese e implicações

Volume 2026
ISSN 2319-0868

O percurso desenvolvido neste artigo articulou três dimensões interdependentes: as exigências institucionais que estruturam a docência universitária, a cognição como ferramenta fundamental do trabalho historiográfico e artístico, e a materialidade corporal que sustenta tais processos. Partindo de uma abordagem microssituada, a experiência não foi mobilizada como relato autoetnobiográfico, mas como ponto de observação analítico de um fenômeno estrutural. A reflexão sobre memória incorporada, a partir do fazer cerâmico, ampliou a noção de cognição para além da formulação exclusivamente verbal, evidenciando que o saber pode permanecer inscrito no gesto e na prática técnica. Essa ampliação não substitui o rigor acadêmico, mas o complexifica, ao reconhecer a coexistência de diferentes modalidades de ativação cognitiva no campo das Artes.

A articulação com evidências neuropsicológicas e psicológicas relativas à fibromialgia contribuiu para deslocar a interpretação de oscilações de desempenho do campo moral para o campo funcional. Ao integrar experiência situada, referencial conceitual e diálogo interdisciplinar, a proposta aqui apresentada sustenta seu caráter científico sem reivindicar autoridade fora do campo de formação da autora. Pensar a docência e a produção em Artes desde o corpo não constitui exercício de subjetivação isolada, mas investigação sobre as condições materiais que sustentam o trabalho intelectual. A universidade, orientada por critérios de regularidade e produtividade, opera frequentemente sob pressupostos de estabilidade que não contemplam plenamente a variabilidade corporal. Reconhecer essa dimensão não implica relativizar responsabilidades acadêmicas, mas ampliar a compreensão das condições sob as quais elas se realizam.

A complexidade aqui lançada não se encerra em conclusão definitiva. Ao evidenciar a materialidade da cognição e sua inscrição em contextos institucionais e sociais, o estudo aponta para múltiplas perspectivas de investigação: as relações entre corpo e método, entre produção artística e avaliação acadêmica, entre diversidade corporal e igualdade normativa. Tais dimensões permanecem abertas, pois a dinâmica social e institucional que as atravessa é igualmente processual. Se o gesto organiza o pensamento na prática artística, reconhecer a cognição como processo situado implica admitir que a produção em Artes é inseparável das condições que a tornam possível. Nesse reconhecimento, não se busca

excepcionalidade, mas visibilidade para a dimensão material que sustenta o trabalho intelectual e que, por sua própria natureza, é variável, histórica e social.

Referências:

BRASIL. **Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 12 dez. 1990.

BRASIL. **Lei nº 12.863, de 24 de setembro de 2013**. Altera a estrutura da carreira do magistério federal. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 25 set. 2013.

BRASIL. **Lei nº 15.176, de 2025**. Reconhece a fibromialgia como condição que pode configurar deficiência. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 2025.

DEL PINO, Del Pino AB, Peláez I, García-Romero A, Fernández-Sánchez ML, Barjola P, Soto-León V, Oliviero A, Mercado F. *Decoupling working memory impairment from grey matter volume changes in female patients with fibromyalgia: Moderating effect of depression***. Neuroimage**. 2025 Aug 1;316:121307. doi: 10.1016/j.neuroimage.2025.121307. Epub 2025 Jun 4. PMID: 40480402.

FREIRES, Orlane Pereira. *A cerâmica de Rauniery Pinheiro: construindo pontes entre ancestralidade e universidade*. 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

RIQUELME-AGUADO, Víctor **et al**. Correlation between different psychological variables in women with fibromyalgia with symptoms of neurogenic inflammation: a cross-sectional study. **Biomedicines**, Basel, v. 12, n. 3, p. 1-11, 2024. Disponível em: doi.org. Acesso em: 5 ago. 2026.RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociologia da imagem: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials*. 4. ed. London: Sage, 2016.

Recebido em: 14/02/2026.
Aceito em:05/08/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nome do Autor: Orlane Pereira Freires
Minibiografia: A professora é mestra em Artes Visuais (UFRGS) e doutoranda, especialista em História da Cultura e da Arte (UFMG) e graduada em Artes Plásticas (UFAM). Docente da UFAM, coordena o Laboratório de Cerâmica (LABCER) e atua em História da Arte, Escultura, Cerâmica e Tecnologias Educacionais, com foco em metodologias críticas e afetivas. É membra do Coletivo de Ceramistas Maií e dos Grupos de Pesquisa FUNDAR e Estilo e Artes Visuais na Amazônia.
E-mail: orlanefreires@ufam.edu.br

CC BY

REVISTA DA FUNDARTE

FREIRES, Orlane Pereira. PENSAR AS ARTES DESDE UM CORPO: COGNIÇÃO, MEMÓRIA E MATERIALIDADE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, e1871, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br